



HIXHARYANA

história e cultura indígena em nhamundá

michel amazonas, diego omar e lucas gaspar



michel amazonas, diego omar e lucas gaspar

HIXHARYANA

história e cultura indígena em nhamundá



Governo do Estado do Amazonas

Wilson Miranda Lima

Governador

Prefeitura Municipal de Nhamundá

Marina Pandolfo

Prefeita

Universidade do Estado do Amazonas

André Luiz Nunes Zogahib

Reitor

Kátia do Nascimento Couceiro

Vice-Reitora

*editora*UEA

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstmann

Diretora

Maria do Perpetuo Socorro Monteiro de Freitas

Gerente

Wesley Sá

Editor Executivo

Raquel Maciel

Produtora Editorial

Isolda P. de Negreiros Nogueira Horstmann

Presidente

Adriana Távora de Albuquerque Taveira

Carlos Mauricio Seródio Figueiredo

Gislaine Regina Pozzetti

Josefina Diosdada Barrera Khalil

Katell Uguen

Orlem Pinheiro de Lima

Silvia Regina Sampaio Freitas

Vanúbia Araújo Laulate Moncayo

Conselho Editorial





prefácio *por Prof. Dr. Manuel Ribeiro de Moraes Junior (UEPA)*

Os estudos sobre os diversos modos de vida ancestrais da Amazônia têm, em nosso tempo, teores de intensa brasilidade nas ciências humanas. Até recentemente, essas pesquisas eram lideradas por pesquisadores/as estrangeiros/as ou, ao menos, com insígnias de universidades estrangeiras e suas semânticas teóricas.

É preciso lembrar que processo colonial alterou profundamente a geografia humana, afetando significativamente as comunidades pré-colombianas, obrigadas a integrarem-se, sob o peso de exigências políticas e econômicas, num modo de vida mais alinhado aos ideais eurocêntricos. Este quadro mudou quando estudiosos/as, cômicos de suas raízes ameríndias, afrodiáspóricas e pós-coloniais, passaram a estudar as expressões humanas nas Amazônias não mais como alteridades raciais, mas sim como mundos ancestrais dos quais fazem parte, sem desconsiderar as singularidades ontogênicas e as autodeterminações dos coletivos étnicos.

Este trabalho, que ora chega ao grande público, fortalece o conhecimento sobre a importante expressão ameríndia na Amazônia brasileira, algo propício para o respeito, o reconhecimento e a inclusão de modos singulares de vida coletiva nas políticas públicas. Os saberes ancestrais Hixkaryana exprimem um dinâmico modo de vida em paisagens antropizadas, mas não antropocentrizadas. E este trabalho revela como essa etnia se transfigura frente aos desafios étno-friccionais, resultantes do processo de colonização da Amazônia, resistindo para que as práticas de alimentação, pensamento, parentesco, educação, saúde, simbolização e ontologização continuem a transparecer a ancestralidade em tempos contemporâneos – um modo de pensar a antropologia sob as influências de Manuela Carneiro, Lévi-Strauss, Roberto Cardoso, Darcy Ribeiro e Philippe Descola.

Os textos e as imagens deste livro revelam testemunhos de diversos tempos singulares. São expressões atualizadas da presença humana e os mais ontogênicos em seus mundos. E práticas significativas que optam por comunicar-se com a natureza, que no seu conjunto é a força criativa para a articulação de um universo linguístico sem fronteiras entre cultura e Gaia. Por este trabalho, parabéns aos Hixkaryana, aos autores e público leitor.

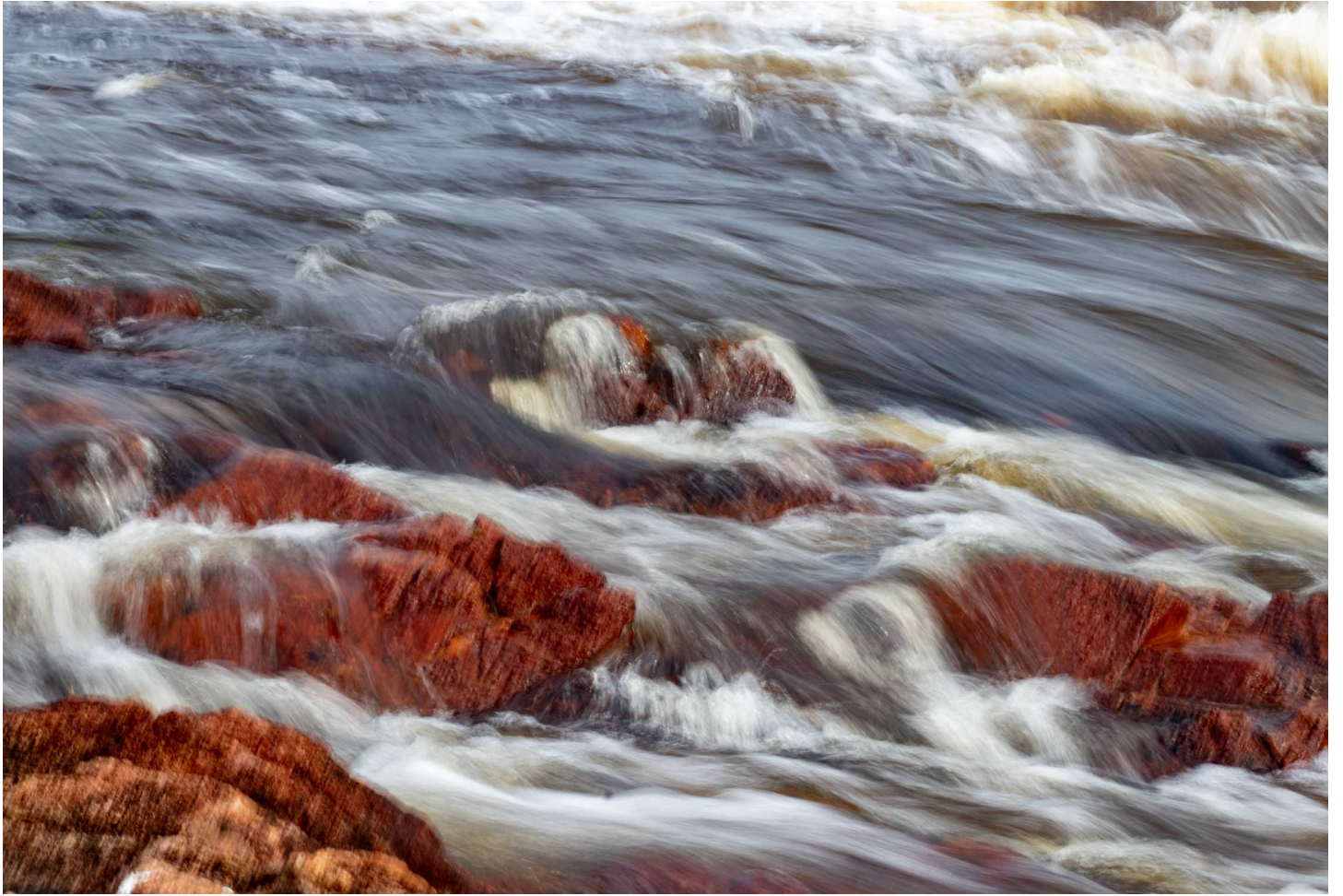
apresentação

Este catálogo, impresso com os recursos dos editais da Lei Paulo Gustavo da Prefeitura Municipal de Nhamundá, tem, ele próprio, uma história. É fruto do trabalho de inventário fotográfico e da pesquisa que embasou a exposição “Hixkaryana: história e cultura indígena em Nhamundá”, realizada em junho de 2022. Àquela altura, o projeto foi financiado com recursos do edital Amazonas Criativo do Governo do Estado do Amazonas. E isso tinha para nós um significado duplamente especial, pois tratava-se da Lei Aldir Blanc dando seus frutos no interior do Amazônia e de um passo adiante na efetivação de outra lei, anterior e muito significativa, a 11.645/2008, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da história indígena nas escolas de Ensino Básico em todo o Brasil.

Partíamos, então, da necessidade de realçar os laços existentes entre esse povo e a cidade de Nhamundá. Um lugar, aos poucos, concebido também como seu, na medida em que foi crescendo a interação entre os indígenas e as populações e dinâmicas urbanas. O desafio era falar a partir e através de imagens que dessem conta de retratar, em alguma medida, a rica história dos Hixkaryana, que passa tanto pela ocupação do território onde hoje se encontram quanto pelas intensas trocas culturais que se estabeleceram com outros povos vizinhos. Juntos, eles formam, hoje, uma grande nação, falante da mesma língua e com traços identitários comuns. Uma trajetória de resistência ao avanço da colonização e de reinvenção das identidades.

Por isso, concebemos a exposição como uma forma de estreitar laços e de reafirmar que muitos dos saberes ancestrais, entranhados na vida dos caboclos da terra, têm origem indígena – o que deve ser para nós um grande orgulho. Além disso, apostamos na ideia de que é preciso educar as novas gerações para reconhecer na diversidade étnica e cultural um traço marcante de nossa formação social e cultural. Algo que começa nas salas de aula, mas que deve chegar a outros espaços da sociedade, como forma de combater os preconceitos e estereótipos.









subindo o rio nhamundá

Há poucos relatos fotográficos dos Hixkaryana. Algumas fotos de Protásio Friel (disponíveis no Instituto Socioambiental), outras poucas na diocese de Parintins, que desde os tempos da chegada dos padres italianos do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME), se interessou em visitar e catequizar esses indígenas. Ao se referir a eles, o primeiro prelado, dom Arcângelo Cerqua, mencionava a antiguidade das missões naquelas terras, primeiro sobre o comando dos jesuítas e, depois, dos capuchos (franciscanos). Repercute também a memória de que ali teria se dado o “tão propalado encontro de Francisco Orellana” com as guerreiras amazonas, as Icamiabas; evento do qual derivam outros tantos mitos e histórias, relatados por vários viajantes e cronistas, desde o século XVII.

Sem muitos detalhes, afirma que seus padres visitaram várias vezes os Hixkaryana ao longo da década de 1960, tornando cada vez mais vivo o interesse por eles, sobretudo em função desses indígenas terem sido atraídos por uma frente evangelizadora norte-americana, a *Unevangelized Fields Mission*, instalada no sul da Guiana, o que quase extinguiu a sua presença no território que hoje habitam. Pela mesma época, um casal do *Summer Institute of Linguistics* (Desmond e Gracie Derbyshire) também se instalou no Kassawa. Nos registros dos católicos, eles como resumidos a “cerca de oitenta índios seminômades”. Vinte anos depois, o bispo classificava a situação demográfica como “em aumento”, mencionando 305 pessoas, vivendo “acima da Cachoeira”.

Nossa subida pelo rio Nhamundá se deu em dois dias, com breves paradas em cada uma das 13 aldeias: Arara, Belontra, Cupiúba, Areia, Torre, Gavião, Matrinxã, Novo Bananal, Cafezal, Riozinho, Jutai, Porteira e Kassawa; algumas ainda muito pequenas, em fase de consolidação, outras já antigas e mais densamente povoadas. Em cada uma delas, danças, celebrações, comidas, encontros. O curto espaço de tempo que permanecemos, lamentavelmente, não permitiu um mergulho muito profundo nos modos de vida, apenas um registro dos diferentes arranjos locais e de tudo aquilo que haviam preparado para nos receber.











encontros e desencontros

O que encontramos pelo caminho é um povo em busca de seus direitos, lutando para manter e defender seu território, interagindo de formas diversas com a sociedade envolvente. Pelos dados demográficos disponíveis, em finais dos anos 1950, os Hixkaryana estavam resumidos a menos de 100 pessoas. Atualmente, de acordo com o Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (IEPÉ), eles passam de 1200. Grande parte dessa população é alfabetizada em língua nativa e os mais jovens também em português. Cada vez mais, eles chegam às universidades e assumem outras instâncias de representação, inclusive, com vereadores indígenas eleitos. As memórias dos mais velhos ainda preservam recordações de tempos difíceis. Como a narrativa do cacique Ahtxe Hixkaryana, registrada pelo ISA. Diz ele: “muito tempo atrás, nossos avôs viviam lá embaixo, na foz do rio Nhamundá, onde hoje é a cidade de Faro. Lá viviam no meio dos brancos, eram empregados deles, limpavam suas fezes, viviam como cachorro. E se fizessem algo que desagradasse os patrões, suas cabeças eram cortadas. Por isso, houve muita perseguição, por isso fugimos de lá, subimos até a cabeceira do rio, lá onde nasci, mas nossa origem é rio abaixo”.

Mas é preciso também notar como olham para o futuro. Todos participaram dos encontros que tivemos: homens e mulheres, de várias idades, inclusive as crianças. Cada qual interagindo da forma que julgava mais adequada. Nesses momentos em que estivemos juntos – quase sempre em uma grande construção coberta de palha – era possível entrever o que sobrou das formas de organização social e da cosmologia. Ambas foram muito abaladas pela presença de católicos e evangélicos; a tradução do Novo Testamento foi incorporada e muitos se designam como cristãos. Ainda assim, parece um equívoco supor que isso represente o aniquilamento das tradições locais. Cantos, danças e muitos outros saberes-fazeres continuam sendo preservados e, como fizeram questão de nos mostrar, passados de geração em geração.















50% de proteína

doritos

CONSEJO NUTRICIONAL

CONSEJO NUTRICIONAL















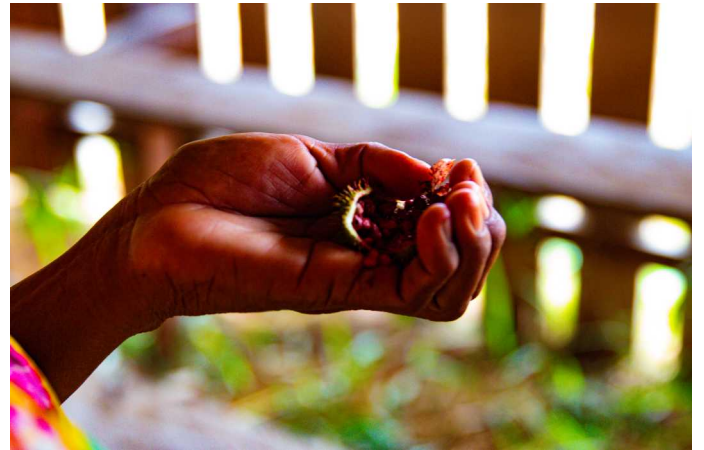
tecnologias e modos de vida

De acordo com o ISA, “Hixkaryana (hixka, veado vermelho; yana, povo; hixkaryana, povo veado vermelho) é um nome genérico para designar vários grupos de língua e cultura semelhantes, que vivem atualmente nos vales dos rios Nhamundá (Amazonas-Pará) e médio Jatapu (Amazonas). Hixkaryana engloba outros grupos que, muito provavelmente, tinham maior autonomia no passado, e que, ainda hoje, em contextos locais, se autodenominam: Kamarayana (kamara, onça; yana, povo; kamarayana, povo onça); Yukwarayana (yukwarî, goma de mandioca; yana, povo; yukwaryana, povo da goma de mandioca); Karahawyana; e Xowyana”.

Para além das questões mitológicas, a caça e roçado estão entrelaçados na nomenclatura e continuam a ter, nos dias atuais, uma enorme importância para esses povos, mesmo com as mudanças nos padrões alimentares introduzidas pelo contato mais estreito com os não-indígenas. Nas fotos, podemos reconstruir quase que um passo a passo da produção da farinha, desde a extração da mandioca, seu transporte até a produção da goma e a, posterior, torra, com evidente presença feminina em todo o processo. Com as mulheres também estão os filhos menores e, no seu entorno, as crianças e meninas jovens. Em um sentido bastante diverso daquele do imaginário do colonizador europeu emergem outro tipo de guerreiras, indispensáveis ao sustento e manutenção das famílias e das aldeias. A elas cabe ainda o artesanato, que recentemente vem encontrando outros públicos, para além das cidades da região, incrementando a economia criativa e limpa entre os indígenas, além de manter-se como um veículo da identidade étnica e cultural Hixkaryana.

Mantendo uma longa tradição, os homens, em especial os mais velhos, ocupam um papel de liderança; falam em nome da aldeia, que, às vezes, se confunde com a própria família. Nas danças, mostram e exercitam seus arcos, flexas, tacapes e lanças, objetos de caça, outrora usados da defesa do território – o que hoje se funde com o exercício político de fortalecimento de novas formas associativas e com utilização de modernas ferramentas do mundo dos brancos, como computadores, imagens de satélite, celulares e até mesmo as redes sociais.























histórias incompletas

Como a história de muitos outros povos, a dos Hixkaryana é incompleta, cheia de lacunas. Transmitida por meio da oralidade do próprio povo, nunca foi registrada em detalhes por meio da escrita, nem sistematicamente pesquisada por antropólogos ou historiadores. Compreendê-la em suas complexas composições interlinguísticas e culturais exigiria, como sugere a Ariella Azoulay, desaprender a história imperial, em busca de outras narrativas. Como ela sugere, “não se trata de buscar uma versão alternativa de passado, mas de retornar para o momento em que outra vida ainda era possível e recuperar o potencial que sempre esteve lá”. Um potencial que ainda permanece lá e que, no diálogo entre os mais velhos e os mais novos, entre a ancestralidade e todos aqueles jovens e crianças que vimos em cada comunidade, se desdobra em muitas possibilidades de futuro. A ideia do catálogo, assim como a da exposição, nunca foi a de fornecer imagens límpidas, transparentes, dessa etnia ainda bastante desconhecida – até mesmo por quem está geograficamente perto. Ao contrário, o que queremos é suscitar novas formas de aproximação, uma modalidade de contato mediada pelo que nos foi possível conhecer a respeito do que eles são e com fotografias que, de alguma forma, deixam sempre alguma vaga entre a realidade dessa gente e o que somos capazes de compreender a respeito deles. Um ensaio, ainda muito inicial, de etnografia visual dos Hixkaryana, que, esperamos, ajude a abrir novos campos de diálogo em torno da história e da cultura indígena nessa parte da Amazônia.

Nesse sentido, esse pequeno livrinho é, ao mesmo tempo, um convite e uma arma. Um chamado, no sentido de que convoca nosso olhar sensível a tudo aquilo que está para além do contato interétnico, bem como conclama a novas formas de entender os universos indígenas. Mas também uma ferramenta para aqueles que desejam de alguma forma se somar a essa luta das populações amazônicas por seus direitos ao território, língua e cultura. Uma forma de visibilizar aqueles que defendem e mantêm em pé a floresta, apontando para o quanto essas ecologias (inclusive de saberes) abrem caminho para projetos decoloniais de universidade e de sociedade.































Este catálogo foi produzido com recursos dos editais da Lei Paulo Gustavo da Prefeitura Municipal de Nhamundá

Fotografias de Michel Amazonas

Concepção de Diego Omar da Silveira e Lucas Gaspar

Textos de Diego Omar da Silveira, baseados no verbete Hixkaryana, disponível no site Povos Indígenas no Brasil (ISA) e no Plano de Gestão Territorial e Ambiental do Território Wayamu (IEPÉ, 2021)

Outras referências: Arcângelo Cerqua. Clarões de fé no médio Amazonas (2º ed. Manaus: ProGraf, 2009) e Ariella Aïsha Azoulay. História potencial (São Paulo: UBU, 2004).

Design e arte final de Paulo Victor Costa

Mapa retirado das publicações do IEPÉ

Revisão de André Teixeira

Agradecimento especial a Luiz Antonio Guerra, à Secretária Municipal de Turismo e Cultura, Kethleen Guerreiro Rebêlo, e ao vice-prefeito, Neto Carvalho, que colaboraram para que o projeto acontecesse e participaram dessa viagem pelas aldeias Hixkaryana

S587h
2024 Silveira, Diego Omar da
Hixkaryana: história e cultura indígena em Nhamundá / Diego Omar da Silveira,
Michel Amazonas, Lucas Gaspar. 1 ed. – Manaus (AM): Editora UEA, 2024.
64 p.:il., color; 21 cm.

ISBN 978-85-7883-708-2 - Ebook

ISBN 978-85-7883-709-9 - Físico



os autores

Michel Amazonas

fotógrafo que atua nos seguimentos documental e fotojornalismo. Iniciou sua carreira em 2020, como autônomo, registrando a cultura das cidades amazônicas, registrando as ruas e os períodos de cheia e vazante dos rios. Desde 2022 é colaborador do Boi-Bumbá Caprichoso, em Parintins.

Diego Omar da Silveira

historiador e antropólogo que tem se dedicado e diferentes trabalhos envolvendo arte, culturas amazônicas e história pública. Coordena o curso de História da Universidade do Estado do Amazonas, em Parintins, onde também é o responsável pelo Centro de Documentação e Memória (CEDEM) do Boi-Bumbá Caprichoso.

Lucas Gaspar

jovem pesquisador Nhamundaense. É graduando em História no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas.

Rio
Nhamundá

Kassawa

Porteira

Jutai
Riozinho

Novo Bananal

Cafezal

Matrinã

Gavião

Torre

Areia

Cupiúba

Belontra

Arara



editora
UEA



PREFEITURA DE
NHAMUNDÁ
GESTÃO JUSTA, TRANSPARENTE E INCLUSIVA.



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

TRABALHO QUE TRANSFORMA



LEI
PAULO
GUSTAVO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO